

SIMPÓSIO FLUMINENSE DE
PATRIMÔNIO CULTURAL
& CIENTÍFICO:
Planos Integrados de Preservação



**Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico:
Planos integrados de preservação**

CARLA M. TEXEIRA COELHO

CLAUDIA S. RODRIGUES CARVALHO

INÊS EL-JAICK ANDRADE

RENATO GAMA-ROSA COSTA (ORGS.)

Rio de Janeiro 2011

Ficha Catalográfica

FS612 Simpósio Fluminense de Patrimônio
Cultural-Científico (1. :2011 :Rio de Janeiro, RJ)

Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio
Cultural-Científico: Planos integrados de
preservação / Organização de

Carla M. Teixeira Coelho; Claudia S. Rodrigues
Carvalho; Inês El-Jaick Andrade; Renato Gama-
Rosa Costa.--Rio de Janeiro :
FIOCRUZ; FCRB; FAPERJ, 2011.

220p.: il.; 21x21cm

1.Cultura 2. Patrimônio Cultural 3. Preservação
4.Congressos 5. Brasil

CDD 363.69

ISBN 978-85-85239-77-0

MUSEU DA PATOLOGIA: gestão e áreas de atuação

**Barbara Cristina Euzebio
Pereira Dias de Oliveira¹**

Marcelo Pelajo-Machado²

INTRODUÇÃO

O Museu da Patologia foi criado por Oswaldo Cruz em 1903 quando se fazia necessário erradicar a Febre Amarela no País. Para tanto, Oswaldo Cruz incumbiu os pesquisadores do então Instituto Soroterápico de Manguinhos³ de realizarem o estudo da anatomia patológica desta doença e seu diagnóstico necroscópico. Após a autópsia, os principais órgãos com alteração deveriam ser recolhidos ao Museu do Instituto Soroterápico de Manguinhos. Foi estipulado que todas as peças anatômicas provenientes dos trabalhos e pesquisas do Instituto deveriam ser protocoladas junto ao Museu além da obrigatoriedade da organização de uma Coleção de preparados de histologia normal e patológica, de embriologia comparada e humana (Decreto nº 17.512 de 5 de novembro de 1926, artigos: 16 a 18). Assim, inicialmente a guarda desta Coleção estava a cargo da Seção de Anatomia Patológica do então ainda Instituto Soroterápico Federal; com o crescimento do Instituto e da Seção, esta passou a se chamar Divisão de Anatomia Patológica (Decreto n.10.252 de 14 de agosto de 1942) já com o Instituto também com o seu nome alterado

157

¹ Graduada em Microbiologia e Imunologia (UFRJ). Doutora em Ciências - Microbiologia (UFRJ). Pesquisadora Visitante, Laboratório de Patologia/ Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz).

² Graduado em Medicina (UFRJ). Doutor em Biologia Celular e Molecular (Fiocruz) e pós-doutor em Biociências (Centro Alemão de Pesquisas sobre o Câncer DKFZ). Pesquisador Titular e Chefe do Laboratório de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz).

³ BENCHIMOL, J. L. (coord). Manguinhos do Sonho à vida – A Ciência na Belle Époque, p.28.

para, em homenagem a seu fundador, Instituto Oswaldo Cruz. São exemplos das contribuições da Seção de Anatomia Patológica: a) os estudos de Rocha Lima e de Magarinos Torres sobre a anatomia patológica da febre amarela e b) as lesões histológicas da doença de Chagas, pela primeira vez descritas por Gaspar Vianna e ilustradas por Castro-Silva.

Em paralelo aos trabalhos da Divisão de Anatomia Patológica e muitas vezes em colaboração com patologistas membros desta, começa a surgir uma nova Coleção no campus do IOC em Manguinhos, a Coleção Histopatológica do Laboratório de Histopatologia da Febre Amarela, atualmente denominada Coleção de Febre Amarela. Tanto o Laboratório quanto a Coleção foram frutos do convênio entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller, firmado logo após a epidemia ocorrida em 1928, no qual esta Fundação assumiu as ações de combate à febre amarela no País com o intuito de erradicá-la por completo. Cabe aqui ressaltar que ainda não era conhecido o ciclo da febre amarela silvestre, o qual mais tarde seria o motivo pelo qual a febre amarela não poderia ser erradicada por completo do País. Para melhorar e possibilitar o diagnóstico necroscópico da doença e o controle da ocorrência dos casos em todo território nacional sem a necessidade da presença de um médico para a coleta de material foi implantada a viscerotomia. Com

o instrumento (viscerótomo) e a técnica apropriada, qualquer pessoa treinada, mesmo sem formação na área de saúde, era capaz de coletar um fragmento de fígado de uma pessoa que tivesse falecido com suspeita de febre amarela. Estes fragmentos eram enviados para o Laboratório de Histopatologia criado no campus de Manguinhos, e neste eram devidamente processados e analisados por cinco patologistas que deveriam ter um consenso diagnóstico para que fosse possível liberar o diagnóstico final e alimentar seguramente as estatísticas da época. Este Laboratório funcionou como parte do convênio até 1939; em seguida, o governo brasileiro assumiu sozinho o combate à doença criando o Serviço Nacional de Febre Amarela, que continuava a funcionar nos mesmos moldes de gerenciamento da Fundação Rockefeller. A doença foi ficando restrita às regiões silvestres do País. Em 1949, todo o acervo do Laboratório de Histopatologia, seus funcionários e infraestrutura foram transferidos para o Instituto Oswaldo Cruz. Como os patologistas deste laboratório já colaboravam com os da Divisão de Anatomia Patológica, lá se instalaram juntamente com o acervo. Magarinos Torres, então chefe do Laboratório de Histopatologia da Febre Amarela, continuou a desenvolver no IOC as suas pesquisas sobre a histopatologia da Febre Amarela em colaboração com vários outros pesquisadores.

A Divisão de Anatomia Patológica, já com os dois acervos e ocupando todo o atual Pavilhão Carlos Chagas, sofreu juntamente com o Instituto muitas perdas durante o evento denominado “Massacre de Manguinhos”⁴. Durante as décadas de 1970-1980, a Divisão foi transferida para um dos andares do atual Pavilhão Gomes de Faria, um espaço muito pequeno quando comparado com o que tinha nos cinco andares do Pavilhão Carlos Chagas. Na década de 1980, com a reestruturação do IOC, agora uma Unidade da Fiocruz, foi criada a estrutura administrativa de Departamentos. Nesse momento, a Divisão dá origem ao Departamento de Patologia. Em 1984, dois pesquisadores foram convidados a se integrarem no Departamento, os Dr. Henrique L. Lenzi e a Dra. Jane Lenzi. Iniciaram então, uma grande reforma no Departamento ao longo dos anos com o objetivo de capacitar mais pessoas para o trabalho com Patologia Experimental e modernizar a infraestrutura instalada na época de sua chegada. Com o início dos trabalhos de Patologia Experimental no Departamento iniciou-se uma nova Coleção denominada Coleção do Departamento de Patologia do IOC, que guarda atualmente em seu acervo a memória biológica e documental de quase 30 anos de pesquisa nas várias áreas de atuação no Departamento bem como a memória de todos os serviços prestados em diagnóstico para o SUS e das mais diversas colaborações científicas realizadas. Associadas a esse

material existem mais de 500 mil imagens de microscopia nos mais diversos suportes dos materiais analisados pelo Departamento ao longo dos anos.

Na década de 1980, o Departamento de Patologia do IOC assumiu a salvaguarda dos acervos produzidos pela Seção/Divisão de Anatomia Patológica e da Coleção de Febre Amarela e iniciou um trabalho de inventário e manutenção desses acervos. A partir de um acordo com a Casa de Oswaldo Cruz, todos os documentos referentes à Coleção de Febre Amarela foram recuperados, organizados e inventariados pelo Departamento de Documentação e Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz e encontram-se sob a sua guarda. No início da década de 2000, essas Coleções foram transferidas para um local compatível com o seu tamanho, localizado no Pavilhão Lauro Travassos. Neste local, foi montado um laboratório para a manutenção do acervo. Com isso, foi possível implantar o Programa Permanente de Salvaguarda do Acervo das Coleções do Museu e o Programa de Digitalização Continuada dos acervos.

Em 2007, a Coleção da Seção de Anatomia Patológica do IOC foi totalmente recuperada e inventariada. Atualmente, conta com 854 peças anatômicas remanescentes e dois armários expositivos da Coleção original. Neste mesmo ano, durante o projeto de revitalização das Coleções que estavam sob a guarda deste Departamento, o Museu

foi reestruturado e passou a abrigar três Coleções de material biológico (Fig. 1), assim constituídas:

1. Coleção da Seção de Anatomia Patológica (CSAP): Constitui a Coleção original do Museu da Patologia. Este nome foi adotado para esta Coleção, por ser a primeira “unidade” a ser responsável pela coleta e guarda do acervo;
2. Coleção de Febre amarela: composta atualmente por duas sub-coleções (Sub-coleção Histórica e Sub-Coleção Experimental). A sub-Coleção Histórica constitui o acervo gerado pelo Laboratório de Histopatologia da Febre Amarela, fruto do convênio entre o governo brasileiro e a Fundação Rockefeller. O acervo biológico desta Sub-Coleção é composto de, aproximadamente, 500 mil amostras de fígado coletadas por viscerotomia durante as campanhas antiamarílicas ocorridas entre as décadas de 1930 e 1970, procedentes de todo o território brasileiro e de alguns países vizinhos. Além disso, acompanha o material biológico uma extensa documentação (sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz), com dados importantíssimos, por exemplo, sobre a

origem e localização dos casos. A Sub-Coleção Experimental foi iniciada em 2009 a partir da necessidade de uma Coleção que recebesse o depósito de material histopatológico de febre amarela proveniente de um projeto realizado por colaboração entre duas Unidades da Fiocruz (Biomanguinhos e IOC), e é composta atualmente por 34 casos (depositados pelo Laboratório de Patologia – produto de projeto de estudo da análise histopatológica de embriões de galinha infectados com amostra de vírus 17DD). Acompanha esse material a documentação referente aos protocolos de pesquisa, fotomicrografias de campo claro, de microscopia confocal a laser (imunofluorescência, colorações especiais e reconstruções 3D) e de lâminas completas escaneadas.

3. Coleção do Departamento de Patologia: constitui o documento biológico de



Figura 1. Imagens do acervo do Museu da Patologia do IOC por Coleção a que pertence.
Fonte: autor.

Experimental, realizadas pelo Departamento e Laboratório de Patologia do IOC. Este Departamento/Laboratório é historicamente o sucessor da Seção/Divisão de Anatomia Patológica do IOC (responsáveis pela montagem da Coleção original do Museu até por volta da década de 1960-1970).

Esta reestruturação baseou-se tanto no histórico de formação do Museu e das outras duas Coleções que atualmente o compõe quanto na sua Missão Institucional como patrimônio histórico-científico testemunho das pesquisas e serviços realizados por esta centenária instituição de pesquisa. Em seguida, a equipe do Departamento de Patologia iniciou um processo de Planejamento estratégico para o Museu e suas Coleções para o período de 2007 a 2016. Desta forma, foram redigidos os Planos Diretores que vem norteando o nosso trabalho de Gestão desses acervos biológicos. Nesse sentido, foram definidas a Missão e a Visão do Museu e de cada uma das três coleções. Este Planejamento Estratégico baseou-se na matriz S.W.O.T. com análise de cenários. Para tanto, buscamos identificar os pontos fortes e fracos do Museu e analisamos as ameaças e as oportunidades existentes. A partir dessa análise foram definidos planos e estratégias que diminuíssem a probabilidade de problemas provenientes das ameaças identificadas, e que convertessem os pontos fracos identificados em pontos positivos de modo a permitir através das oportunidades

(identificadas e as que viriam a surgir neste período), o alcance da visão no prazo de 10 anos. Em seguida, esses planos e estratégias foram convertidos em um portfólio de projetos.

Os projetos, juntamente com os seus objetivos, metas e planos de ação foram definidos em cinco eixos estruturantes que chamamos de “áreas de atuação das Coleções”, que são: Patrimônio, Ensino, Divulgação Científica, Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (Fig. 2). Estes projetos levaram em conta o potencial de cada coleção, bem como o tipo de acervo que a compõe. Cabe aqui ressaltar, por exemplo, que a Coleção da Seção de Anatomia Patológica, devido ao método de conservação e a idade do material, apresenta um caráter mais expositivo e de pesquisa macroscópica do que aplicação para desenvolvimento tecnológico enquanto que a Coleção do Departamento de Patologia apresenta exatamente o oposto, um apelo muito maior para a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico do que um caráter expositivo.



Figura 2. Esquema representando as áreas de atuação do Museu da Patologia do IOC com seus respectivos objetivos ou metas. Fonte: autor.

Embora os projetos estejam separados por eixo estruturante, os resultados alcançados são sempre analisados com uma visão multidisciplinar, promovendo o diálogo entre as várias vertentes de atuação (Patrimônio, Pesquisa, Difusão e Popularização da Ciência, Ensino e Desenvolvimento Tecnológico – Fig. 3) o que favorece o fomento e ampliação do escopo de análise ou do levantamento de dados individualizados em cada vertente. Nesse sentido, as atividades desenvolvidas nas três coleções que compõem o Museu de Patologia do IOC são superpostas e interdependentes e seus resultados são complementares a uma visão mais global e integradora. Por exemplo, a pesquisa e digitalização dos documentos são realizadas por representantes das áreas de informática e de pesquisa biológica e documental. Desta forma, os resultados obtidos contribuem

tanto para o desenvolvimento e futura alimentação do banco de dados quanto para fomento de questionamentos e dados para o desenvolvimento da pesquisa. Estes resultados também permitem que os pesquisadores atuem em conjunto com parte da equipe que é responsável pelo desenvolvimento das atividades didáticas a serem realizadas, tanto no espaço não-formal de ensino aprendizagem, como também as que vão figurar na página do Museu da Patologia on-line.

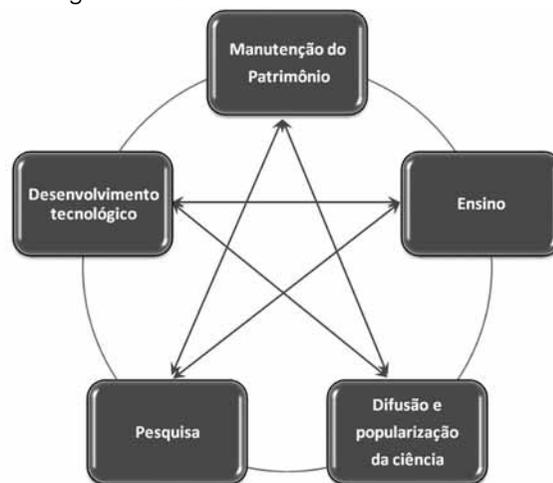


Figura 3. A interligação de atuação dos eixos estruturantes. Fonte: autor.

Para a sustentabilidade financeira do Plano Direto, a equipe do Museu busca submeter projetos às agências de fomento à pesquisa ou à manutenção de acervos e conta ainda com um valor anual do Tesouro proveniente da Vice-Diretoria de Coleções e Laboratórios de Referência do IOC. Nesse sentido, contamos

por meio de projetos aprovados em editais com o apoio da Faperj, CNPq e BNDES.

O Plano Diretor do Museu da Patologia do IOC e de suas respectivas coleções é revisto a cada dois anos, buscando monitorar a eficácia dos planos executados e estratégias adotadas, verificar o andamento dos cronogramas dos projetos, a capacidade de resposta às chamadas de editais existentes, bem como às intempéries que tenham surgido. A cada avaliação, os orçamentos e cronogramas são atualizados, um novo ranking de prioridades de projeto é elencado e novas estratégias de fomento são estudadas, visando o cumprimento dos objetivos para os quais as estratégias habituais de fomento não sejam válidas.

Para ilustrar a forma de atuação do trabalho em vertentes, apresentamos a seguir a nossa experiência de trabalho nas vertentes de preservação de patrimônio e divulgação científica.

1. PATRIMÔNIO: PRESERVAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DA COLEÇÃO DE FEBRE AMARELA

A Preservação e a modernização da Coleção de Febre Amarela estão sendo realizadas a partir do cumprimento de dois Programas voltados para a salvaguarda do acervo, a saber:

1.1. Programa Permanente de Salvaguarda do Acervo (Apoio Faperj - APQ4)

Todo o acervo da Coleção de Febre Amarela (fragmentos formolizados, blocos e lâminas coradas – Fig. 4) constitui patrimônio inestimável à ciência e ao povo brasileiro. Estes espécimes dependem de manutenção técnica constante e permanente, quer pela troca de fixador (no caso das viscerotomias), quer pela limpeza individual de cada bloco e lâmina. Esse processo é, portanto, muito trabalhoso, em especial quando é considerado o tamanho do acervo (498 mil casos).



Frascos com material envolto em gaze imerso em formalina, após a troca do fixador e com a nova etiqueta de identificação (quando existe etiqueta original esta é preservada também); (B) Gaveta representando a forma original de armazenamento das lâminas; (C) Comparação entre os frascos antes (esquerda) e depois (direita) da recuperação. (D) Nova forma de armazenamento das lâminas após a limpeza física individual das mesmas; (E) Detalhe do bloco histológico de parafina contendo um fragmento de fígado – original da Coleção; (F) Lâminas histológicas coradas. Antes (esquerda) e após (direita) a recuperação.

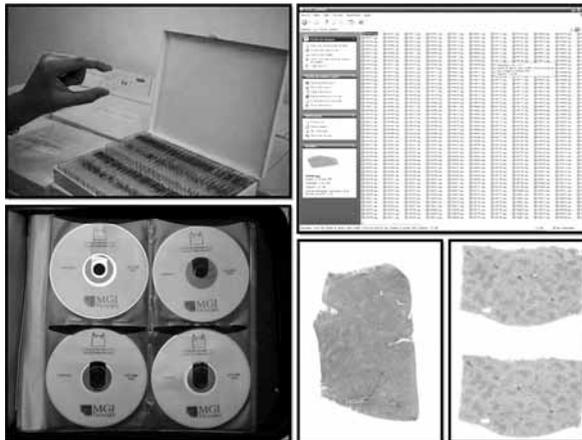
Fonte: Maria Castro (A a E) e Guttemberg Brito (F).

1.2. Programa de Digitalização Continuada do acervo da CFA (Apoio BNDES – edital: Apoio A Projetos de Preservação de Acervos).

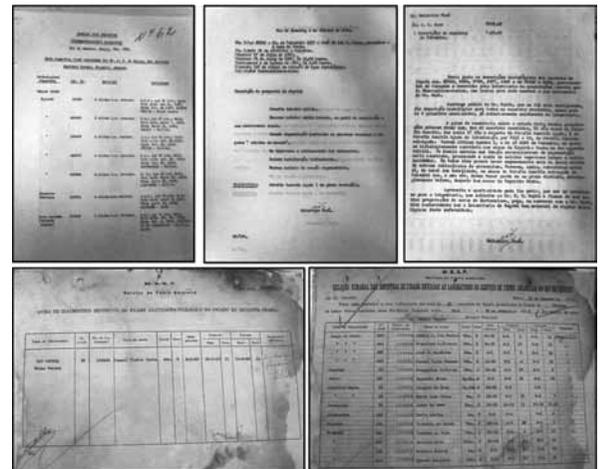
Com o recurso captado junto ao BNDES foi possível contratar os serviços de uma empresa especializada em digitalização de acervos, permitindo que fossem digitalizadas 90 mil lâminas da CFA em pouco mais de um ano. Coube à nossa equipe a limpeza técnica individual desses preparados e seu acondicionamento em caixas plásticas para lâminas além do controle individual da qualidade das imagens que eram recebidas gravadas em DVD (Fig. 5).

Nesse período, iniciamos a estruturação do banco de dados que irá gerenciar essas imagens, correlacionando-as com os demais dados que temos de cada caso (especialmente a partir da documentação impressa, sob a guarda da COC – Fig. 6), e permitindo seu acesso ao público externo (dentro de diretivas de segurança e sigilo apropriadas). Os descritores já foram todos definidos bem como as máscaras e os relatórios a serem emitidos pelo banco de dados.

164



digitalizadas (notar que a indexação respeita a numeração original da CFA); quatro dos DVDs personalizados entregues pela empresa que prestou o serviço de digitalização; imagens digitalizadas de duas lâminas originais da Coleção de Febre Amarela do IOC, uma com um único corte corado e outra com dois cortes. Fonte: autor.



DISPONIBILIZAÇÃO CONTINUADA DAS INFORMAÇÕES DAS COLEÇÕES DO MUSEU DA PATOLOGIA DO IOC

2.1. Desenvolvimento de atividades didático-

pedagógicas para o ensino não-formal e formal

Para a área de ensino não formal, foram formuladas atividades pedagógicas para o espaço enfatizando a experimentação e a comunicação ativa dos visitantes com os objetos técnicos ou objetos de experiência. Assim, as atividades desenvolvidas foram testadas em ambientação não formal pelos professores vinculados à equipe do projeto, com alunos dos Colégios Estaduais onde lecionam. Estas atividades proporcionam, além da participação do visitante, a possibilidade de construir um conhecimento processual que integre as questões científicas em um contexto histórico (nacional e institucional) e cultural. Para isso, foram utilizados fatos da história da Patologia para desmontar a visão dominante de uma evolução linear do conhecimento, gerando dúvidas e expectativas, revelando a ciência como um processo dinâmico, com continuidades e descontinuidades, permanências e rupturas em que não existem certezas absolutas. Essas atividades foram aplicadas em eventos destinados ao público em geral (cinco edições consecutivas do Fiocruz pra Você e na edição 2009 da Feira Nacional de Ciência e Tecnologia) e algumas delas já se encontram disponibilizadas no espaço-professor de nosso site (<http://museudapatologia.ioc.fiocruz.br/>).

2.2. Divulgação do Museu da Patologia do

IOC em eventos de científicos e em eventos abertos a comunidade

Adotamos como estratégia para divulgação das informações “arquivadas” nos acervos pertencentes ao Museu da Patologia do IOC, a participação em eventos científicos tanto da área de divulgação e comunicação científica como em eventos abertos à comunidade leiga. Nesse sentido, estamos ampliando a visibilidade das Coleções e do Museu bem como contribuindo com o fomento a pesquisa científica nos acervos (parcerias formadas em eventos científicos com público especializado) biológicos e documentais bem como a divulgação e popularização da ciência em nossa área de trabalho.

Para tanto, já participamos de seis edições consecutivas do “Fiocruz pra Você” (2006-2011), em uma edição da “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia” (2009) e em três exposições organizadas pela Casa de Oswaldo Cruz (exposição da Semana do Patrimônio de 2009, Exposição de Longa Duração “Carlos Chagas e Oswaldo Cruz” e a exposição comemorativa dos 100 anos da exposição de Dresden de 1911). Durante os eventos “Fiocruz pra Você” e “Semana Nacional de Ciência e Tecnologia” os estandes tiveram uma média de 300 visitantes por dia de evento, pertencentes a todos os níveis sociais com idade variando entre 3 e 50 anos. Em eventos dedicados ao público especializado podemos citar entre

outros: CRICS8, I e II Simpósio Nacional de Coleções Científicas, Congressos de Virologia, Congresso Brasileiro de Histotecnologia, Semana de Patrimônio de 2009 e Simpósio Internacional Brasil-Alemanha (Fig. 7).



Divulgação em eventos abertos a comunidade



de mediação entre as atividades lúdicas e o acervo museológico. Durante esses eventos

buscamos também apresentar os acervos científicos como patrimônio cultural, a ciência como parte do cotidiano das pessoas, o modo de trabalho dos pesquisadores de nossa área de atuação e os benefícios obtidos para a sociedade, informações sobre as formas de prevenção e combate das mais variadas doenças cujas peças estão depositadas na Coleção. Com ênfase nas doenças hepáticas, foi possível trabalhar junto aos visitantes o combate ao alcoolismo, através da demonstração das lesões macro e microscópicas associadas à ingestão crônica de bebidas alcoólicas. Além disso, buscamos trabalhar com temas referentes ao combate ao tabagismo, através da demonstração das alterações macroscópicas em peças de pulmão principalmente.

Desta forma, estamos segundo Philip Kotler⁵, utilizando o “marketing social” como uma estratégia de mudança de comportamento. O marketing social, segundo Kotler, ocupa-se em persuadir também, mas não quanto ao consumo, e sim no sentido de alterar crenças, atitudes, valores ou comportamentos; é o conjunto de atividades que visam ensinar e aumentar a aceitação de uma ideia ou prática social no seio de um determinado segmento social. Citamos ainda o conceito de marketing social de Machado Neto:

O marketing social é uma estratégia de mudança de comportamento. Combina os melhores elementos das abordagens

tradicionais de mudança social num esquema integrado de planejamento e ação, aproveitando os avanços da tecnologia das comunicações e a capacidade de marketing⁶.

2.3. Museu da Patologia online

Além da estratégia de divulgação mencionada no item anterior, buscamos alternativas para “quebrar” as barreiras do tempo-espaço, dos horários de visita e da comunidade local optamos, com o uso da internet, abrir as janelas do ciberespaço para o fluxo de informações/divulgação científica através de textos e atividades científicas de qualidade disponibilizadas no Portal do Museu de Patologia do IOC on-line.

A página “Museu da Patologia *on-line*” (apoio Faperj – edital 04/2007) pode ser acessada através do endereço: <http://museudapatologia.ioc.fiocruz.br>. Esse Museu Virtual (Fig. 8) permite inúmeras possibilidades de acesso e apropriação das informações “armazenadas” nas Coleções do Museu, tais como: a) da história da Patologia; b) das contribuições dos pesquisadores para o desenvolvimento científico brasileiro e c) do processo histológico e investigativo.



um público-alvo específico como o espaço-professor, onde são apresentados protocolos de aula prática e de procedimentos de histotecnologia. Há também o Fale Conosco que visa ampliar a comunicação entre os visitantes e o Museu. Nesta seção, o visitante pode expor as suas dúvidas, contribuir com sugestões e críticas e solicitar agendamento de visitas. Além disso, disponibilizamos uma Linha do Tempo onde o visitante pode se informar sobre o contexto histórico no qual as Coleções foram sendo construídas. Existe ainda o link “Visita Virtual” (Fig. 9), onde o usuário pode, através de qualquer computador conectado na rede, visitar virtualmente as Coleções.



Fotos panorâmicas do salão do Museu da Patologia do IOC

IOC
Instituto Oncologia-Citologia



Base para a montagem da visita virtual hospedada no site.

Coleções sob sua guarda, desenvolveu uma atividade online na forma de um Quiz. Este foi desenvolvido em linguagem *flash* e apresenta questões que vão desde as históricas sob a formação das Coleções do Museu da Patologia até as voltadas para a prevenção de doenças e de assuntos abordados no ensino formal com a temática de histologia, biologia celular e virologia.

O Museu da Patologia do IOC online foi lançado no evento “Fiocruz pra Você 2009”, onde buscamos divulgar o site e as informações sobre o Museu da Patologia e suas Coleções Científicas, bem como realizar algumas práticas de citologia e coloração com as pessoas que visitaram o estande (Fig. 10).



pergunta e resposta sobre o Museu da Patologia e, abaixo desta, detalhe do estande de lançamento demonstrando a visita virtual ao salão localizado no Pavilhão Lauro Travassos que abriga as Coleções do Museu da Patologia do IOC. Fonte: autor.

Existe ainda uma seção do site dedicada exclusivamente ao Portfólio de projetos (Fig. 12) onde é possível acessar todos os projetos vinculados ao Museu da Patologia do IOC, com o intuito de aumentar a possibilidade de fomento por parceiros externos. Em relação aos projetos do Plano Diretor, estamos buscando ainda parceiros para a implementação e correto acondicionamento da reserva técnica (visando à diminuição do espaço ocupado pelo acervo) e a montagem das atividades lúdicas e do espaço expositivo

do Museu da Patologia.

Em conclusão, apresentamos neste artigo o racional de gestão de um Museu de Patologia, fundamentada em um Plano Diretor decenal constituído sob cinco eixos estruturantes integrados. Este planejamento estratégico vem apresentando resultados positivos, conforme aqui demonstrado nas vertentes de Patrimônio e Divulgação Científica, cujos desdobramentos apontam para novos horizontes de desafios.

BIBLIOGRAFIA

BENCHIMOL, J. L. (coord). *Manguinhos do Sonho à vida – A Ciência na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, 1990.

KOTLER, P. *Marketing para instituições que não visam lucro*. São Paulo: Editora Atlas. P.286.

KOTLER, P. e ROBERTO, E. *Marketing social*. Estratégia para alterar o comportamento público. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

LENT, H. *O Massacre de Manguinhos*. Coleção Depoimentos, v.7. Rio de Janeiro: Avenir Editora Limitada, 1978.

MACHADO NETO, M. N. *Marketing Cultural das práticas à teoria*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2002.

